



## **“O NORDESTE NA REDE”: UMA ANÁLISE DAS DISCURSIVIZAÇÕES SOBRE O SUJEITO NORDESTINO EM PERÍODOS ELEITORAIS**

Josefa Maria dos Santos

Em 2014, quando a candidata à presidência do Brasil, Dilma Rousseff, venceu as eleições com uma votação significativa no Nordeste, muitos textos racistas e xenofóbicos apareceram nas redes sociais digitais, que, diferentemente de outras eleições, funcionou não só como um espaço público de discussão e ativismo, mas também de manifestações de ódio e ofensas, principalmente, contra nordestinos. Nesse sentido, é objetivo deste trabalho investigar como as identidades nordestinas foram discursivizadas no site de rede social *Facebook*, tomando o acontecimento das eleições presidenciais de 2014 como recorte histórico. Nossa opção pelo Facebook justifica-se por ser esse um site de relacionamentos amplamente utilizado no Brasil, configurando-se como um meio de convocação, divulgação, postagens e agendamento de eventos, bem como um espaço de relativa autonomia do usuário, muito além do controle de governos e empresas que, ao longo da história, monopolizaram os canais de comunicação como alicerces de seu poder.

Para viabilizar essa proposta de estudo, elegemos como escopo teórico a Análise do Discurso de linha francesa (AD), por entendermos o discurso como um objeto linguístico, ideológico, cultural e social, produzido por um sujeito, também, social, histórico e ideológico, fruto das relações de classe e marcado ideologicamente pela formação discursiva com a qual se identifica. É importante pontuar que, dessa posição teórica/metodológica e, sobretudo, política, compreendemos os sentidos como parte das contradições históricas, uma vez que elas determinam a representação social do Nordeste na rede.

Nossa materialidade discursiva constitui-se, deste modo, de comentários postados no *Facebook* após uma declaração do jornalista Diogo Mainard numa tradicional mesa-redonda política do programa “*Manhattan Connection*” (Globo News), ocorrido no dia 27 de outubro de 2014 dedicado à discussão acerca da vitória de Dilma Rousseff. Nossa análise não recai sobre o discurso do jornalista - fato que gerou muita polêmica e intensificou ainda mais a polarização política, principalmente, entre as regiões do país- mas sim sobre como se apresentam as relações de identificação e contraidentificação com esse discurso entre os sujeitos comentaristas (nordestinos ou não) no site de rede social.

### **ANÁLISE DO DISCURSO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Segundo Pêcheux (2009), a Análise do Discurso (AD) reflete sobre a relação contraditória entre língua, história, sujeito e ideologia, compreende que o sentido não existe em si mesmo, uma vez que sofre os efeitos da determinação das posições ideológicas em jogo nos processos sócio-históricos. Por isso, o discurso é tomado enquanto produção de efeitos de sentido e mediação entre



os sujeitos, cuja base está nas relações históricas de produção/reprodução/transformação das condições de produção. Para o filósofo francês, não pode existir prática discursiva sem sujeito, nem sujeito sem ideologia, uma vez que, ao produzir o dizer, o sujeito é movido por uma ideologia que tende a colocar em movimento sentidos vários, dependendo da posição de classe desse sujeito e do lugar de produção desse discurso.

Nesse percurso teórico, entende-se a ideologia como condição para a constituição do sujeito e dos sentidos, pois, como reflete Orlandi (2015, p. 44), “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que produza o dizer”. A ideologia cumpre, assim, uma determinada função social, pois enquanto produção social age sobre os sujeitos, orientando suas ações para a manutenção e /ou transformação das relações de produção (MAGALHÃES, 2013).

Uma outra questão basilar para a AD é o conceito de língua, haja vista que essa tem funcionamento ideológico, é instável, heterogênea por formação e contraditória, passível de perturbações, rupturas e mal-entendidos (PÊCHEUX, 2009). Essa compreensão de que não há neutralidade da língua torna-se necessária para entendermos que as palavras, como diz Pêcheux (2016 p. 122), “podem mudar de sentido, de acordo com as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Sobre os efeitos de sentido, é importante colocar que eles não estão somente nas palavras, nos textos ou dependem apenas das intenções do sujeito, mas também das condições em que eles são produzidos, em sua relação com a exterioridade, pois, como explica Orlandi (1999), os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas, são efeitos e sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz. É possível compreender, a partir do que cita a autora, que uma forma linguística pode ser a mesma, mas dependendo das condições históricas, produzirá efeitos de sentidos diferentes. No caso em estudo, defendemos que os sentidos produzidos sobre o nordestino, principalmente quando esse rompe com o contrato de identidade previamente estabelecido por aqueles que detêm o poder econômico, movem-se nas contradições das relações sociais capitalistas.

Desse modo, retomar a questão dos discursos sobre o Nordeste e as contradições da sociedade capitalista na determinação dos sentidos nos permite compreender os atuais conflitos sociais, uma vez que o discurso, como reflete Magalhães et al (2007, p. 140), “não é uma construção independente das relações sociais, mas ao contrário, o fazer discursivo é uma práxis humana que só pode ser compreendida a partir do entendimento das contradições sociais que possibilitam sua objetivação”. A afirmação de Magalhães alia-se plenamente ao que propõe Pêcheux quando submete a formação discursiva às formações ideológicas que, por sua vez, expressam as contradições de classes que estão sempre em posições antagônicas.

A memória, outra categoria de análise muito cara para a AD, está sendo entendida, nesse trabalho, como o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido, constituindo-se pelo já-dito que possibilita todo o dizer. Dessa forma, o interdiscurso, discursos já constituídos, entram na produção discursiva resignificando o já-dito antes, noutra lugar, como espaço de confrontos ideológicos das relações de dominação/subordinação, possibilitando dizeres



outros, convocados na história, ideologicamente marcados, que vão afetar os discursos produzidos pelo sujeito em dada condição de produção. Entendemos, assim, com Florêncio et al (2009, p.81), que a memória discursiva é o “lugar de retorno a outros discursos, não como repetição, mas como significação”.

Nesse sentido, faz-se necessário tecer um olhar sobre o processo de divisão regional do Brasil, e, em especial, sobre a invenção do Nordeste (ALBUQUERQUE, 2011), enquanto uma das cinco regiões desse país, que, constituído de classes, sedimenta-se pela via das relações conflituosas de exploração/dominação, como relações de força que se manifestam através do discurso (LUKÁCS, 1981). O processo discursivo que (re)significa o nordestino, advém, dessa forma, sempre de um discurso prévio que, quando evocado pelo enunciador, produz no interlocutor discursos outros com as deformações que as condições de produção possibilitam e das quais pode tirar proveito.

### **O NORDESTE ENTRE OS DISCURSOS DE ÓDIO E RESISTÊNCIA**

Para Albuquerque (2011), não existe região sem que se elabore em torno dela e de seus moradores uma série de conceitos, que podem vir a se tornar, com o passar do tempo, preconceitos, dada a mudança de sentido que estes possam sofrer ou dependendo do uso que outros discursos regionais façam destes conceitos. No Brasil, marcadamente, o preconceito por origem geográfica atinge, especialmente, os nordestinos. Discursos e imagens “nordestinizantes”, influenciados pelas circunstâncias históricas, econômicas e políticas do país, mostram apenas que Nordeste e nordestino miseráveis, seja na mídia ou fora dela, não são, como diz Albuquerque (2011, p. 31), “produto de um desvio de olhar ou fala, de um desvio de funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dele constitutivo”. O próprio Nordeste e os nordestinos são, na visão do autor, invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondentes.

Por isso, quando a candidata que representava a esquerda no país, Dilma Rousseff, venceu as eleições presidenciais em 2014 com uma votação significativa no Nordeste, muitos discursos de ódio, preconceito e intolerância (re)surgiram contra o povo nordestino e foram maciçamente propagados pela mídia, em especial, pelas redes sociais digitais. Como colocamos inicialmente, a materialidade tratada por nós, nesse trabalho, diz respeito a comentários produzidos a partir de uma entrevista no programa “*Manhattan Connection*” pelo jornalista Diogo Mainard no dia 27 de outubro de 2014. Na entrevista, o jornalista buscou explicar o resultado da eleição a partir de sua posição de classe e de uma Formação Ideológica oposta àquela que seria a responsável pela recondução de Dilma Rousseff à presidência. Tomamos essa entrevista, transcrita na sequência, como um enunciado de referência a partir do qual surgiram outros enunciados na rede social *Facebook*.

#### **Comentário do jornalista**

*“Essa eleição é a prova de que o Brasil ficou no passado, não é nem bolsa família, não é marquetagem. O Nordeste sempre foi retrógrado, sempre foi governista, sempre foi bovino, sempre foi subalterno em relação ao poder, durante a ditadura militar, depois com o reinado do PFL e agora com o PT.*”



*É uma região atrasada, pouco educada, pouco instruída que tem uma grande dificuldade para se modernizar..., e se modernizar na linguagem".*  
*Rodrigo Mainard em entrevista a Globo News, programa "Manhattan Connection" em 27.10.214*

É importante pontuar que nossa análise não recai sobre o discurso do jornalista, fato que gerou polêmica e acabou se tornando um acontecimento enunciativo. Mas, sobre como se apresentam, na rede social, as relações de identificação e contraidentificação com esse discurso entre os sujeitos comentaristas (nordestinos ou não) no site de rede social. Para tanto, procederemos nossa análise a partir da aplicação de conceitos clássicos da AD, como condições de produção, formação discursiva, pré-construído e memória.

*SD1 - **Andrew Martins** – 27 de outubro de 2014 às 00h55 - Sou Nordestino E Tudo Que ele Flw e Verdade Povo Burru Fica com Medo de Perde Bolsa Família e voltou Na Dilma Bando de Burrus.*

*SD2 - **Flávia Marsola** - 27 de outubro de 2014 às 06:05 - Sou nordestina,não me sinto atingida,e Diego disse a verdade.O nordeste vive ainda no coronelismo,as vantagens prevalece,e eles concordam com a corrupção existente na política.*

*SD3 - **Flavio Pericles** - 27 de outubro de 2014 às 09:24 - e tá errado é? sou nordestino com muita vergonha!*

Discorrendo inicialmente a respeito das condições de produção, é possível inferirmos que os enunciados são de sujeitos ditos nordestinos, não petistas, que as postagens são feitas um dia após o resultado das eleições (27 de outubro de 2014) e que os enunciadores usam a rede social *Facebook* para expressar publicamente seus posicionamentos. Temos como período histórico um dos momentos de maior polarização da política brasileira, fomentado, principalmente, pelos dois partidos com maior representatividade de votos: PSDB x PT; e pelas investigações da Lava Jato (operação que investigava corrupção política no Brasil). Nas condições amplas de produção, os discursos atuam no processo de constituição de sentidos trazendo à memória, a formação de uma sociedade capitalista, subdesenvolvida, impregnada pelo racismo, discriminação e xenofobia, "*povo burru*", "*medo de perde o bolsa família*", constituída de contradições ideológicas que afetam os sujeitos e os sentidos em suas posições políticas.

Associada à noção de condições de produção, pensamos a noção de Formação Discursiva a partir de Pêcheux (2009), uma vez que, os sentidos se produzem nas formações discursivas representativas das formações ideológicas, assim, a ilusão de transparência de sentidos é que conduz ao efeito ideológico e às posições assumidas pelo sujeito do discurso, o que torna possível delimitar o corpus desta análise como sendo parte de pelo menos duas formações discursivas complementares: o discurso em defesa da direita e o discurso do dominador. "*Vive ainda no coronelismo*", traz à memória o período de "voto de cabresto" em que os coronéis exerciam seu poder sobre o voto de trabalhadores negros e pobres. Nesse interim, o Nordeste continuaria como uma região atrasada por culpa do seu próprio povo: o homem nordestino e a mulher nordestina. Esses são percebidos, nos comentários, como um outro, um estranho, tão próximos aos sujeitos comentaristas:



“Sou nordestino”, “Sou nordestina”; e tão distantes: “eles concordam com a corrupção existente”, “povo burru”. Essa identidade de nordestino e nordestina assumida pelos comentaristas apresenta-se como uma contradição no discurso, pois, esses sujeitos assumem um outro lugar no discurso, sustentado não pelo que os une enquanto moradores de uma mesma região, mas pelo que os distancia, em tensas relações de oposição e contradição. Isso produz um efeito de construção identitária através da identificação com o que se é “Sou nordestino, Sou ordestina” e de oposição ao que não se é: “não sou burro”, “não voto na Dilma”, “importo-me com a corrupção”.

É importante pontuar que a identidade nordestina sofre uma série de fragmentações: o nordestino pobre e o rico; o petista e não petista, sendo a questão política determinante, pois o ódio e o preconceito não recaem sobre todos os nordestinos, mas sobre os nordestinos que votaram no PT, inclusive o nordestino que é de direita assume a posição-sujeito do opressor e acaba dando voz aos discursos de ódio contra si próprio, evidenciando a contradição na luta de classes.

Ao afirmar que a declaração do jornalista é verdadeira, “*Tudo Que ele Flw e Verdade*”, “*Diego disse a verdade*”, “*e tá errado é?*”, estabelece-se um processo de identificação com o jornalista e cria um efeito de verdade que deslegitima o direito ao voto e a inclusão do nordestino no sistema político, naturalizando a situação econômica e social do Nordeste. Ao silenciar fatos históricos que corroboraram para os problemas sociais vividos pelos habitantes da região, os comentaristas apagam as questões de exclusão e ausência do poder público que por séculos negligenciou os direitos de uma parte do país. Nesse sentido, todo discurso, como nos diz Silva Sobrinho (2014), constitui-se a partir de uma memória, que em condições outras, retoma ditos anteriores que são trazidos à atualidade enquanto “repetição” e ao mesmo tempo – com diferenças significativas expondo pontos de derivas, uma vez que as condições de produção não são mais as mesmas. O fato desses comentários estarem numa página online criada como forma de resistência a discursos racistas e preconceituosos se configura como uma contradição e cria um efeito de espaço democrático do dizer. Contudo, vemos, a partir das postagens, que esses espaços, a exemplo do *Facebook*, funcionam também como um espaço de reprodução de discursos de discriminação e xenofobia já presentes na sociedade, ou, como diz Solange Mittmann (2013, p. 234), temos no ciberespaço um paradoxo: “o desejo de democratização saciado pela tecnologia *versus* a ocupação desse espaço por discursos que parecem saídos da casa grande”.

Na sequência, apresentamos mais duas sequências que aparentemente rompem com os discursos xenofóbicos e produzem um efeito de resistência e contraidentificação com o discurso do jornalista, atendendo dessa maneira ao propósito da página virtual.



#### SD4:

28 de outubro de 2014 ·  
Nordestinos mostram-se preocupados com o preconceito e fazem protesto.  
#soudonordestemesmoecomorgulho



Praia de Jericoacoara - Ceará

#### SD5:

27 de outubro de 2014 ·  
#Partiu  
Nordestinos mostram-se preocupados com preconceito e organizam protesto. #soudonordestemesmoecomorgulho



Praia de Porto de Galinhas - PE

Fonte: [www.facebook.com/search/top/?q=%E2%80%23%E2%80%8ESouDoNordesteMesmoEComOrgulho](http://www.facebook.com/search/top/?q=%E2%80%23%E2%80%8ESouDoNordesteMesmoEComOrgulho)

Observa-se nas sequências 4 e 5 o mesmo enunciado: “*Nordestinos mostram-se preocupados com o preconceito e fazem protesto*”, e nos chama a atenção a forma como a palavra protesto é (re)significada, pois protestar passa a ser sinônimo de lazer e diversão, cujo significado só é abstraído quando observamos as imagens, são elas que ressignificam o sentido de protesto, pois diferente do que é ativado pela memória: povo nas ruas, cartazes, polícia, barulho, trânsito parado... as imagens nos mostram um espaço diferente: praia, sol, mar, sossego, situação de relaxamento e tranquilidade. Ao afirmar que há uma preocupação dos Nordestinos com o preconceito sofrido, o discurso ecoa ironicamente, pois funciona contrariamente ao afirmado. Contudo, os enunciados não rompem com os discursos de estereotipação que coloca o Nordeste como o lugar do exótico, do folclórico, das paisagens naturais, cujo desenvolvimento ainda não chegou, pelo contrário, reafirma discursos outros que colocam o nordestino como aquele que não se envolve com os problemas do país, pois sua forma de resistência é deitar na rede (SD4). A presença da rede, objeto muito utilizado no Nordeste, reafirma outros ditos, o de que nordestino é preguiçoso, é bolsa família, não trabalha.

Observa-se ainda, que os discursos aliam-se a uma formação discursiva do turismo, evidenciando um discurso ideológico que contribui para a fetichização de paisagens nordestinas, apoiando-se no imaginário criado pela mídia e por empresas de turismo que visam atender as exigências do mercado, essas representações simbólicas do Nordeste alimentam o imaginário de um lugar ideal, como se todos os nordestinos tivessem acesso a ele. A praia de Jericoacoara em fortaleza, SD4, é uma das dez praias mais bonitas do mundo, própria para o turismo internacional, cujo acesso é difícil e necessita de meios de locomoção não disponíveis a todos. Na SD5, a praia de Porto de Galinhas em Pernambuco é um outro lugar de turismo internacional, que oferece amplas possibilidades de diversão para quem pode pagar. Vemos, dessa maneira, que mesmo os discursos que se propõem a resistir aos estereótipos (re)produzidos nas redes sociais acabam por reforçá-los, uma vez que, como afirma Albuquerque (2011), Somos, muitas vezes, “agentes de nossa própria discriminação, opressão ou exploração. Elas não são impostas de fora, elas passam por nós” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, P. 32).



A partir das reflexões suscitadas, Concluimos que embora as redes sociais digitais apresentem um aspecto democrático do dizer, esse dizer representa em alguma medida muito mais a fala do dominador que a do dominado, porque cristaliza estereótipos que são subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste, impondo uma verdade que apaga a diversidade da região, limitando-a a imagens e clichês repetidos pela mídia, pelos governantes, pelos políticos, pelos habitantes de outras áreas do país e até da própria região.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. - 5ª ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

LUKÁCS, George – **A reprodução**. Roma, Ruinit, 1981.

MAGALHÃES, Belmira Rita Costa – “**O sujeito do discurso: um diálogo possível e necessário**”, *in*: VOESE, Ingo (org) – Linguagem em Discurso, volume 3, Número especial, Santa Catarina, Unisul, 2013.

\_\_\_\_\_. História, consciente e inconsciente: o sujeito na análise do discurso *in*: **Revista LEITURA**, Nº 40. Maceió: EDUFAL, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O manifesto comunista 150 anos depois. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 7ª. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_. Análise de Discurso: textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi - 4ª ed. – São Paulo: Pontes: Campinas, 2016.

MITTMANN, Solange. O acontecimento do discurso no Brasil. Freda Indursky, Maria Cristina Ferreira, Solange Mittmann (org). *O conservadorismo em comentários na rede: identidade, alteridade e contradição*. Campinas, SP: Mercado de letras, 2013.

SILVA SOBRINHO, Helson. O discurso sobre velhice e as tentativas do capital de torneir suas contradições. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 43, n.3, p.1118-1128, set-dez 2014.